

Relicários

RITA RIBES & GPICC



NAU
EDITORA

FAPERJ
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Relicários

RITA RIBES

&

GPICC

Rio de Janeiro, 2025

NAU
E D I T O R A



Sumário

Prefácio	5
Nélia Mara R. Macedo	
Pente-Fino	8
Anna Paula Oliveira da Silva	
Rua, pão e liberdade	10
Caroline Trapp de Queiroz	
Quem sabe na próxima vez?	12
Núbia de Oliveira Santos	
I a M	16
Rita Ribes	
Arqueologias	20
Cecília de Miranda Schubsky	
Prato do dia: afeto	22
Thays Lorena dos Reis	
Cumplicidade	24
Perseu Silva	

Ciranda da vida	26
Patrícia Desterro	
Ladrilhar	28
Priscila Daniele Ladeira	
Pássaro, chuva e Bel	30
Isabela Silveira	
Pai música, mãe livro	32
Camila Rodrigues Leite	
A menina e a pipa	34
Jéssica Carvalho Miranda de Azevedo	
Eu com ela, eu sem ela	36
Fernanda Milanez	
Fael	40
Fabiana Pedreira Gelard	
Autores	43

Prefácio

Relicários. São eles que guardam preciosidades escolhidas por alguém para serem preservadas, olhadas e revisitadas sempre que as memórias pedirem para ser reinventadas. Este livro é, em si, um grande relicário que guarda outros. Ele apresenta belas imagens autorais acompanhadas de curtos e potentes textos produzidos por pesquisadores adultos sobre as crianças que foram um dia.

Há muitas belezas sensíveis nesta obra: o processo de criação artesanal de caixinhas que abrigam e concretizam afetos (costuras, fotos, miudezas valiosas que foram reunidas ali para compor a cena que se quer guardar pra sempre); o detalhamento tão rico das vivências sensoriais que nos conduzem por cheiros, sabores, texturas, sons, silêncios e sensações que marcam todas as histórias; as descrições dos corpos infantis que atravessam as memórias: joelhos ralados, mãos pequenas, dedos curiosos que mergulham em potes guardados no fundo da gaveta.

Há, também, delicadeza na complexidade de situações que são lembradas e ressignificadas com amor: a dor do luto, as ambiguidades das relações entre irmãos e irmãs, o desejo de ser livre, os brinquedos que também contam histórias, a relação com a natureza. Cotidianos da família também estão em cena: mães e filhas, irmãos, pais, avós e bisavós – relações ressignificadas pelos sujeitos que hoje cuidam de seus próprios filhos, filhas e netos. A escola é também reme(morada)

como lugar de descoberta de si e do mundo: acolhimento e pertencimento constitutivos daqueles que são, hoje, professoras e professores também.

Mas há, ainda, uma riqueza singular neste livro-relicário: aqui estão reunidas memórias de infância pinçadas das experiências individuais, mas que, ao serem compartilhadas, tocam e atravessam quem lê, como espécies de narrativas-relíquias que se descolam da dimensão particular e se fazem coletivas através dos seus sentidos. Cada criança que habita este livro poderia ser eu. Ou você. Parece que é também sobre mim, sobre minhas memórias-relíquias, que estão falando. E, sobre este ponto, devo dizer, há ainda um outro atravessamento nesta leitura, totalmente marcada pela saudade. Nasci pesquisadora com o Grupo de Pesquisa “Infância e Cultura Contemporânea”, na UERJ, em 2005, e com ele cresci por dez anos. Com muita honra, fui uma das primeiras leitoras deste livro e fui carinhosamente convidada para apresentá-lo aos futuros leitores. “Relicários” celebra os 20 anos de uma trajetória que produz pesquisa acadêmica comprometida, implicada, ética, estética e sensível sobre a infância na contemporaneidade. E, como todas as produções do GPICC, nos afeta, desloca e convoca:

O que você escolhe guardar na sua caixinha de relíquias?

Nélia Mara R. Macedo



Pente-fino



Anna Paula Oliveira da Silva

Muita criança.

Muito cabelo.

Muito piolho.

Esses muitos compuseram o cotidiano da Glorinha por toda sua curta vida, além de outras muitas demandas infinitas para uma mãe de 17 filhos. Fazer comida, limpar casa, lavar roupa, levar criança pra escola, amamentar bebê... Nada disso a impedia de tirar um tempo, todos os dias, após chegarmos do colégio, para cuidar dos piolhos que infestavam as nossas cabeças. Esse era um dos raros momentos em que ela se tornava mãe de um filho só. O ritual diário consistia em reunir eu e meus irmãos, em torno de umas 5 ou 6 crianças, colocar Neocid em nossos cabelos e, em seguida, ir passando o pente-fino em cada um de nós. Enquanto ela escovava os meus cabelos, eu sentia sua respiração bem perto e ela era só minha.

Nenhuma criança quer ser retirada de uma brincadeira ou distração para ter que catar piolhos. Então, nesse instante, aproveitávamos pra inventar alguma brincadeira também. Cada um contava seus próprios piolhos pra saber quem ganhava, ou dávamos nomes para eles e formávamos uma família dos maiores e menores, junto com as lêndas.

O Neocid que eu tanto odiava e achava tão fedido, hoje tem cheiro de cuidado, de infância e de luto.

Rua, pão e liberdade



Caroline Trapp de Queiroz

Uma das primeiras saídas que fui autorizada a fazer, depois que me mudei para uma cidade grande, aos 7 anos de idade, era ir até a padaria comprar pão. Dez centavos era o preço. Cacetinho era o nome. Liberdade era o sentimento.

Lembro do cuidado que tomava ao atravessar a única rua que havia entre minha casa e a padaria. “Não esquece de olhar o sinaleiro”, dizia minha mãe.

Apertando bem firme as moedas em minhas mãos, pegava meu casaco vermelho e ganhava a rua. A brisa fria do cair da tarde tocando minhas bochechas. Os carros passando ao meu lado. As pessoas apressadas. As outras crianças de mãos dadas com os adultos ou então um pouco mais à sua frente. E eu ali, sozinha. Na companhia de mim mesma, sentia-me grande e importante. Estava indo buscar o nosso pão!

Repassava na minha cabeça as orientações de minha mãe. Fazer tudo direitinho sustentava o argumento que eu usaria para barganhar novas aventuras na rua. Além de levar o tempo que precisasse, também me era permitido voltar comendo um dos pãezinhos.

O horário em que eu ia me garantia sempre a última fornada do dia. O saco de papel suando. O cheiro inebriante de fermento dando a impressão de que o pão ainda cresceria pelo caminho. Lembro que pegava sempre um mais torradinho. As mãos se revezando para não serem queimadas pelo vapor. A casquinha crocante contrastando com o miolo macio. Sabor de felicidade que fazia a saliva escorrer pelo canto da boca, mesmo enquanto já estava comendo. Confesso que desacelerava o passo para aproveitar cada segundo do curto tempo que passava ali, eu, a rua e o meu saco de pão.

Quem sabe da próxima vez?



Núbia de Oliveira Santos

A memória dos inúmeros álbuns de figurinhas que eu e meus irmãos preenchíamos, na esperança de completar a imagem e ganhar a tão almejada bicicleta, ainda é muito viva. “Vamos ganhar desta vez!” Mas... cada pacotinho aberto pelas nossas mãos trêmulas de ansiedade carregava o peso da expectativa que logo se transmutaria em ilusão.

O cheiro da cola que transbordava pelos lados daquele pequeno quadradinho, milimetricamente colado diante dos nossos olhos, borrava mais uma possibilidade de convicção. O desencanto maior era quando todas as figurinhas do pacotinho vinham repetidas. Estávamos muito perto! Quem sabe na próxima vez? Mais do que ganhar uma bicicleta, aprender a andar sobre ela era o que me fascinava. Talvez eu acreditasse que ter uma bicicleta me daria a certeza de que conseguiria aprender.

Essas memórias do quase-perto também se concretizaram na minha experiência de quase-aprender a andar de bicicleta. Foi quando eu e meu irmão fomos visitar uma amiga da nossa mãe. A vizinha dessa amiga tinha um filho, e logo recebemos a ordem dos adultos: “Vão brincar lá fora, vão brincar de bicicleta”. Eu e meu irmão, um ano mais novo, nos olhamos e sorrimos sem acreditar... Eles, dois meninos; eu, uma menina. “Dessa vez vamos aprender!” A brincadeira era cada um dar uma volta. O menino, dono da bicicleta, tão franzino quanto o meu irmão, rodopiava sobre suas rodas como se flutuasse. Já nós, nos revezávamos segurando atrás, empurrando com toda a força dos nossos pequenos braços, enquanto o outro se alternava entre quedas e zigue-zagues.

Foram horas de tentativas. Paramos para merendar, tal qual um motorista de Fórmula 1 quando parava para o *pit-stop*. A dor em nossas pernas já feridas, roxas, raladas, não era nada diante do nosso propósito. Nunca ficamos tanto tempo íntimos de uma bicicleta. Não iríamos desistir! Até que meu irmão, honrando nossa luta e nossa dedicação, conseguiu se equilibrar sem cair, sem ziguezaguear, e dar a volta completa. Gritos e palmas. A nossa alegria só reforçava a minha certeza de que em breve seria a minha vez... Mas meu irmão queria usufruir do seu momento e até o dono da bicicleta, já cansado daquilo que, para ele, não era novidade, cedeu a ele sua vez, mais de uma vez. Porém o meu tempo havia terminado, era chegada a hora de irmos para casa. Mainha chamou, já era tarde. Voltamos para casa.

No ônibus, compartilhando a mesma cadeira, olhávamos pela janela. Seguíamos calados, com as pernas ardendo, ele feliz e eu feliz por ele... Assim como nos álbuns de figurinhas que nunca conseguimos completar, eu deixava a esperança me habitar... Cheguei muito perto, quem sabe na próxima vez!?



I a M



Rita Ribes

Chovia forte quando a professora Ieda abriu as portas daquela sala que eu ainda não conhecia: a biblioteca.

Eu não sabia que existiam paredes feitas de livros, mas naquele exato instante entendi com quais tijolos construiria minha morada.

Escolher um livro de histórias, entre tantos, para ler em casa. Que desafio!!!

O corpo esticado desde a ponta do pé. E a mão pequena, conduzida pelo olhar, encontrou três pequenos livros. Lado a lado. Verdinhos. Capa dura. Escolhi o do meio.

Ieda, que tudo anotava com suas mãos perfumadas, quis certificar-se da escolha: “É este mesmo?”. “Sim”, disse eu, sem desconfiar da pergunta da professora.

Guardei o livro com todo cuidado dentro de um saquinho de matéria plástica para protegê-lo da chuva. Chegou sequinho. Eu, nem tanto.

Esse foi um dos primeiros livros que, como visita ilustre, entrou em minha casa. Objeto sagrado, como tudo que se referia à escola.

Na capa, o título, que eu nem tinha olhado na hora da escolha: “Mini - Dicionário da Língua Portuguesa – I a M”. Era o segundo volume de uma coleção organizada em ordem alfabética. Então não era um livro de histórias?

Ao abri-lo, uma infinidade de palavras enfileiradas misturou-se ao cheiro forte e inesquecível de livro novo.

Idôneo.

Impávido.

Inexorável.

Infinito.

Janela.

Joaninha.

Lavanda.

Lua.

Meandro.

Morada.

Era um livro de história das palavras!! Cada palavra tinha uma história.

Palavras avulsas. Palavras para o dizer.

Apaixonei-me pelas palavras. Tomei-as para mim. Para sempre.



Arqueologias



Cecília de Miranda Schubsky

“Mexilhona!” , era o que declarava minha avó quando eu era criança.

A palavra me causava uma certa vergonha, era fato, mas não me impedia de agir. Era movida pela certeza inabalável que somente uma criança de sete anos possui: que dentro de cada armário, caixa ou gaveta morava um tesouro que alguém guardou e esqueceu. Eu tinha provas para motivar minha atuação.

Na casa dos meus avós paternos, em meio a roupas do tempo em que meu pai e minha tia eram crianças, encontrei panelinhas de madeira um pouco maiores que meu dedo mindinho, esquecidas no fundo de um armário! Nesse mesmo lugar, também fui brindada com uma coleção de livros em miniatura, histórias de fadas que ficavam dentro de uma casinha de papelão. Como alguém poderia negligenciar esse tesouro? Os objetos me chamavam! Quantas horas passei simplesmente olhando a casinha ou lendo e relendo aquelas histórias! Eu me sentia uma arqueóloga do passado.

Achei também bonecas do tempo em que minha tia era criança. Uma delas foi devidamente subtraída desse lugar e levada para passar o fim das férias em minha casa. Juro que a boneca falou comigo e exigiu que esse resgate fosse realizado. Ao colocá-la em minha mochila, estava salvando um tesouro.

Também na casa da minha avó materna, muitas provas se acumulavam: aquela segunda gaveta da cômoda do quarto da minha bisavó, recheada de retalhos de tecidos, pedaços de fita de cetim e um pote repleto de botões! Cores, formas, texturas e mundos... Meus dedos amavam mergulhar no pote de botões, sensação que não volta, mas que também não esqueço mais.

Não era mexilhona, como declarava minha avó, mas realizava uma missão sagrada: redescobrir e salvar mundos esquecidos.

Prato do dia: afeto



Thays Lorena dos Reis

A vontade de que chegasse o dia de ir para a casa do meu pai era imensa. Lá eu era bicho solto. Chegava e já ia ao encontro das minhas parcerias de muitas tramas. Passava o dia brincando e dando voltas naquele bairro, como se a rua fosse minha também. Ir para lá era sinônimo de liberdade.

A noite caía e com ela chegava o anúncio da hora de ir para dentro de casa. Esse normalmente era o momento em que eu e minha irmã começávamos uma calorosa disputa pela atenção de nosso pai. Era ele quem, talvez, sem tanta intenção, proporcionava para nós o espaço de que precisávamos.

Teve uma noite que nossas discussões cessaram. Nosso pai havia começado a trabalhar de vigia noturno e passaria as noites no trabalho. Como assim não poder aproveitar mais esses momentos com ele?

Tratei logo de dar um jeito na situação! Virei uma entregadora de marmittas, responsável por levar o jantar do nosso pai, preparado por nossa tia em seu trabalho.

Num gesto de cuidado com aquele que cuidava da gente, eu ia carregando sua marmita pelas ruas, passava pelas cercas da obra, entrava na casinha que o abrigava em suas noites de vigia e encontrava o ambiente perfeito para estar junto daquele que, no seu jeito de ser pai, foi parceiro também.

Cumplicidade



Perseu Silva

Tem aquelas coisas que nos prendem pelo olhar. Para essas, basta tirá-las da nossa vista para quebrar o encanto. Mas o que se faz quando aquilo que nos prende está no ar e vem com o sopro do vento? É o aroma que instiga a pegar a fruta madura no pé, a satisfação do perfume da tangerina sendo descascada, a fragrância do pó de canela jogado em cima do mungunzá quentinho...

Era o cheirinho do macarrão com sardinha que me puxava para a fila de crianças, todas de camisa branca de gola azul e short também azul. A fila andava, e eu passava pelas tias da merenda – mulheres negras, vestidas de branco –, recebia delas meu prato e talheres de plástico azuis e seguia para alguma mesa para me deliciar com aquela iguaria. Mas não parava por aí. Logo que o prato esvaíava, voltava eu à fila. Tinha certo medo de uma repreensão por estar repetindo a merenda da escola. Nunca aconteceu. Pelo contrário, recebia sorrisos singelos declarando uma cumplicidade. Eu era *muleque*, vestia meu uniforme e atravessava os blocos das salas de aula do colégio em busca daquela cumplicidade que vinha pelo ar com gostinho de macarrão com sardinha.

Volta e meia, tenho saudade daquela sensação e, quando dou por mim, estou colocando água para ferver, pegando um pacote de macarrão e abrindo mais uma lata de sardinha.

Ciranda da vida



Patrícia Desterro

Num dia chuvoso, ele chegou. Era quase Natal e o menino já se anunciava. Eu, assustada, me perguntava: o que estaria acontecendo com minha mãe? Para onde ela foi com aquela bolsa grande? Não entendia. Disseram que um irmãozinho estava a caminho.

A chuva caía forte, era véspera de Natal e minha mãe partiu, deixando-me para trás. Ao olhar pela janela, vi o fusca do meu tio se afastando com meus pais. Fiquei no colo de minha avó.

Depois de um tempo, me surpreendi ao ver minha mãe subindo as escadas de casa com uma trouxinha de mantas nos braços. Que presente seria aquele? Era Natal.

O que fazer? Deveria amá-lo? Seria como uma boneca nova? Será que minha mãe o amaria mais do que a mim? Escolhi o nome do menino: Fábio, como o cantor preferido dela. Era Natal, chovia, e eu havia ganhado um irmão.

Na ciranda da vida, num dia se chega e noutro se vai – algo que só mais tarde entendi.

A despedida chegou num dia de sol, alguns anos depois. Voltávamos da escola, minha mãe e eu, na hora do almoço. Uma vizinha trouxe a notícia. Antes de chegarmos em casa, a mulher nos disse: “Meus sentimentos”. Eu tinha uns sete anos e já entendia o significado daquela frase. Minha avó havia partido. Não a veria mais. Um adeus que não pôde ser dado. Um vazio. Onde estariam os carinhos? Os doces? O colo? Onde reencontrar quem se foi?

Chorei como nunca havia chorado antes... Numa tarde de sol, a ausência tomou forma.

Na ciranda da vida, num dia se chega, noutro se vai.

Ladrilhar



Priscila Daniele Ladeira

Quando eu era criança, meu pai me colocava deitada em seu peito e cantava:
“Se essa rua, se essa rua fosse minha...”

Batia cadenciadamente em minhas costas com as suas mãos em formato de concha, e sua voz ecoava em meu peito.

Era assim que eu me sentia, a voz do meu pai ecoando no meu coração. É assim que eu me sinto, a voz do meu pai ecoando em mim...

“Para o meu, para o meu amor passar”.

Passaro, chuva e Bel



Isabela Silveira

Gotas de chuva cadenciadas acompanhadas de cheiro de café quente. Era uma cotidiana tarde chuvosa e fria, e meu avô decidiu que iríamos ficar na varanda, deitados numa rede colorida, observando a chuva cair do telhado no chão de ladrilho.

Ele dizia “Viu, Bel, os pássaros molhados na árvore de jabuticaba?”

Eu respondia que sim, mas não conseguia ver muito bem, até que um deles bateu asas e voou cortando a chuva. Prontamente pulei da rede alvoroçada: “Eu vi! Eu vi!”.

Reprendendo-me para ficar mais quieta, o velho sempre dizia que a natureza nos traz respostas, mas precisamos estar calmos para ouvir.

Respirei fundo e nos balancei na rede, empurrando o pé na sacada da varanda para dar impulso de balanço. Ele colocou o boné nos olhos como quem cochila um pouco, e eu novamente alvoroçada: “Vô! Acorda! O pássaro voltou e pegou uma jabuticaba, olha, olha, olha!” Olhei para cima e somente vi seu sorriso e os olhos tampados pelo boné. Sempre sorrindo, me disse: Os pássaros gostam de silêncio, sabia? E eu também.

Quando minha mente anda barulhenta, sento-me próxima a qualquer janela e observo, calada, a paisagem que caminha silenciosa do lado de fora do meu “eu”. Um dos maiores ensinamentos que recebi do meu avô: silenciar o meu mundo interno para escutar a natureza fora de mim.

Dias de chuva me pedem café quente, mesmo não gostando de café, e nem de chuva.

Pai música, mãe livro



Camila Rodrigues Leite

Aos domingos de manhã, a música alcançava todos os espaços da casa. Podíamos supor qual era o estado de espírito do meu pai a partir do que soava. Grande, sentado num pequeno banquinho, ele manuseava minuciosamente a vitrola e os discos de vinil.

Quando eu já tinha altura para alcançar a agulha, a sala virou palco. Cercada de bonecas e bichos de pelúcia, lhes oferecia as canções que aprendia a amar. Entre uma música e outra, inventava histórias, criando mundos que dançavam junto às melodias.

Se meu pai era feito de música, minha mãe era feita de livro. Ela lia em silêncio, deitada na cama. Eu, ao seu lado, aprendia a amar as palavras. Deitada comigo na rede, ela lia em voz alta e me embalava com as histórias que acompanhavam o movimento do vento.

Neste entrelaço de melodias e fantasias, eu brincava de ser professora. Convidava as bonecas e os bichos para a roda e compartilhava o que, em meu coração, vibrava. Era tanto, e tão bonito, que transbordava. A menina percebia que o mundo se lia, se alargava e se enfeitava no encontro entre o silêncio e os sons, entre palavras lidas e cantadas.

Imagens reveladas. Abraço-abrigo onde habita uma memória-menina.

A menina e a pipa



Jéssica Carvalho Miranda de Azevedo

Soltar pipa com meu pai e com os amigos era a minha brincadeira preferida. Gostava da sensação de liberdade. Eu me imaginava sendo uma pipa ou me pendurando na sua rabiola e levantando voo com ela, passeando pelo céu, olhando tudo lá de cima.

A sexta-feira era o dia mais aguardado da semana. Era quando eu podia chegar da escola e ir para a rua soltar pipa com os meninos. Sentia-me a pipeira no meio deles, muito embora eu não usasse cerol porque, segundo meu pai, eu era menina e podia me cortar. E, também, porque o meu objetivo não era cortar/aparar ninguém, era só empinar a pipa e acompanhar o seu movimento pelo céu.

Chegávamos na rua e começávamos os preparos, enrolávamos a linha numa latinha e amarrávamos ela no cabresto da pipa. Ficávamos por horas nessa brincadeira.

Sobe pipa, corta pipa, empina pipa, apara pipa, corre atrás de pipa e o céu do morro do São João ia se colorindo com o dançar das pipas.

Quando o sol ia se pondo, as pipas iam dando lugar às estrelas.

Nós sentávamos no meio fio, descalços, alguns com mais pipas, outros sem nenhuma, todos exaustos, sujos e suados de tanto correr e pular muros atrás das pipas.

É o movimento das crianças que comanda o balé das pipas no céu.

Eu com ela, eu sem ela...



Fernanda Milanez

Não sei se existia faixa de pedestre pintada nas ruas, mas ela fazia uma linha com a mão no ar, mostrando exatamente onde atravessar. Saíamos para comprar farinha de trigo enquanto as outras duas irmãs ficavam em casa pegando os álbuns, as figurinhas e forrando a mesa.

Aprender a atravessar uma rua é um jeito de se entender no mundo: você para e repara nos tipos e cores de carros, motos, caminhões e bicicletas que seguem roncando seus motores, apitando suas buzinas, negociando passagem. Até que o sinal muda a cor e o rumo da história. Chega a nossa vez de ir!

Param as rodas e é o mundo dos pés que agora entra em ação. Desviávamos perigosamente dos outros pés que vinham no sentido contrário na tentativa de chegar ao outro lado. A calçada de lá era o lugar mais longe de casa que se ia. Com ela, eu podia ir lá muitas vezes, com mais coragem e até soltando a mão!

Ao voltarmos, a farinha era misturada à água e levada ao fogo, fazendo um grude: a massaroca ia ficando transparente e, de repente, estava pronta a receita para colar as figurinhas. Assim se usava o fogão pela primeira vez.

Além de conseguir completar os álbuns de figurinha antes de mim, ela era boa no jogo do bafo, em que cada participante colocava uma ou mais figurinhas empilhadas e, com as mãos juntas em forma de concha, batia fazendo-as virar do avesso. Quem virasse, levava as figurinhas. Às vezes, ela me deixava ver suas figurinhas e, com sorte, me dava uma!

A vida seguiu, mudaram-se os jogos e as figuras foram ficando na memória. Um dia, quando eu já atravessava por minha conta as ruas das cidades por onde andei, foi como se ela tivesse soltado a minha mão e decidisse ir, pra sempre, sozinha, sem combinar nada com ninguém.

Durante muito tempo fiquei triste, depois fiquei zangada e, agora, para ajudar a me acostumar, fico fazendo grude para colar figurinhas com meu neto. Quem sabe daqui a pouco deixo ele mexer a panela quente no fogão?



Fael



Fabiana Pedreira Gelard

Sempre Fomos só eu e ele,
até que um dia deixou de ser...
Juntos brincávamos, íamos à escola,
descobríamos o mundo –
que cabia inteirinho no nosso quintal.
Mônica e Cebolinha
Batman e Robin
Chaves e Chiquinha
Carrinhos e bonecas
Espalhados pelo chão da sala
Com peças de lego erguíamos nosso castelo
Eu faladeira, ele quietinho
Ele calmaria, eu agitação.
O um e seu duplo.
Versos do mesmo poema,
estrofes da mesma canção.



Autores

Anna Paula Oliveira da Silva – Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Especialista em Literatura Infanto-juvenil pela Universidade Federal Fluminense – UFF e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora de Educação Básica.

Camila Rodrigues Leite – Pedagoga e Mestre em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Rio de Janeiro – UERJ. Arte-educadora e mediadora de leitura, formada pelo Instituto de Arte TEAR.

Caroline Trapp de Queiroz – Historiadora pela Universidade Gama Filho. Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando no Departamento de Estudos da Infância.

Cecília de Miranda Schubsky – Licenciada e Mestre em História Política e Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora de História na Escola Oga Mitá.

Fabiana Pedreira Gelard – Bacharel em Humanidades e Pedagoga pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Doutoranda em Educação pelo Programa de

Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Fernanda Milanez – Pedagoga pela Universidade Cândido Mendes. Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Isabela Silveira – Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mestra em memória social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Jéssica Carvalho Miranda de Azevedo – Pedagoga, Mestra e Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora de Educação Infantil da rede privada de Educação da cidade do Rio de Janeiro.

Núbia de Oliveira Santos – Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Especialista em Educação Infantil e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Coordenadora do Grupo de Estudos e Extensão Educação Infantil e Relações Raciais – GEERREI/UFRJ.

Patrícia Braga do Desterro – Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua como Educadora na Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional – UFRJ.

Perseu Silva – Formado pelo Curso Normal do Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral. Bacharel e licenciado em Pedagogia pela UERJ. Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio. Mestre e Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Há mais de 20 anos trabalha com crianças. Atualmente, é docente EBTB do Departamento de Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II. É membro do projeto de extensão Circularidades na Escola (UERJ/ CPPI) e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NeabiCP2).

Priscila Daniele Ladeira – Licenciada em Educação Infantil e Ciências Sociais, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora de crianças e adultos na Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Rita Ribes – Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea.

Thays Lorena dos Reis – Bacharel em Administração pelo Centro Universitário IBMR e Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Educadora Popular.

© Rita Ribes e GPICC

Coordenação editorial

Simone Rodrigues

Oficina de relatórios e imagem da capa

Lacyta Trizotto Maia

Fotografia

Simone Tomé

Revisão de textos

Maria Helena Felício Adriano

Projeto gráfico e diagramação

Estúdio Arteônica

Conselho editorial

Alessandro Bandeira Duarte (UFRRJ)

Claudia Saldanha (Paço Imperial)

Eduardo Ponte Brandão (UCAM)

Francisco Portugal (UFRJ)

Ivana Stolze Lima (Casa de Rui Barbosa)

Marcelo S. Norberto (CCE /PUC-Rio, PUCRS)

Maria Cristina Louro Berbara (UERJ)

Pedro Hussak (UFRRJ)

Roberta Barros (UCAM)

Vladimir Menezes Vieira (UFF)

NAU Editora

Rua Nova Jerusalém, 320

CEP: 21042-235 - Rio de Janeiro (RJ)

www.naueditora.com.br

contato@naueditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

R485r Ribes, Rita; GPICC – Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea (org.).

Relicários / Organizadores: Rita Ribes e GPICC – Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea;
Prefácio de Nélia Mara R. Macedo. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro, RJ : NAU Editora, 2025.
48 p.; fotografias.
E-book: 4 Mb; PDF.

ISBN 978-85-8128-159-9.

1. Educação. 2. Infância. 3. Ludicidade. 4. Memória. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 370.15
CDU 37

Relicários é um livro comemorativo dos 20 anos de existência do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea, vinculado à Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Há duas décadas nos dedicamos à percepção e ao estudo da infância, procurando construir uma escuta sensível e um diálogo incondicional com as crianças. Memórias desse tempo de estudos estão guardadas no site gpicc.com.br. Visite-nos!

Mas sabendo que nossas memórias constituem a pessoa que somos trazemos para esta festa uma coleção de memórias de nossas infâncias. Nossa intenção, ao narrar estas histórias, é convidar o leitor a lembrar das suas, contá-las e disponibilizar-se para a escuta de outras, para que nesse movimento, onde o individual encontra o coletivo, pactuemos um mundo mais justo a ser vivido e lembrado pelas crianças no agora.

Rita Ribes e GPICC